

TRANÇO¹ COMO QUEM REENCONTRA O NOVO NO VELHO

Lívia Sernache Rios²

RESUMO | ABSTRACT

Organizado como uma trança, este ensaio entremeia diversos fios: antigos escritos meus de percepções do corpo em *Chuva de Orvalho* (2014), do artista plástico Tunga; textos sobre as criações do artista, de Viviane Matesco (2013) e Suely Rolnik (1998); escritos do próprio Tunga (1992, 1997, 2014); proposições sobre metamorfose do autor Emanuele Coccia (2020); fotos de *Chuva de Orvalho* (2014) e *Tesouro Besouros* (1992), bem como outras imagens, que nesta poética são como antigos casulos; e textos atuais, que costuram esta trança. Apenas os meus escritos para este ensaio não se encontram em itálico. Páginas (das bibliografias de referência) e parênteses (que usualmente são colocados quando um trecho de determinado texto é retirado) foram suprimidos, com a intenção de gerar uma leitura mais fluida. As referências bibliográficas e imagéticas, bem como créditos de autoria das fotos, se mantiveram ao fim.

Palavras-chave: *Chuva de Orvalho*, casulo, Tunga, metamorfose.

Organized as a braid, this essay intertwines many threads: my old writings about body perceptions in *Chuva de Orvalho* (2014), an artistic work by the plastic artist Tunga; some texts about artist's creations, by Viviane Matesco (2013) and Suely Rolnik (1998); Tunga's own writings (1992, 1997, 2014); propositions about metamorphosis by the author Emanuele Coccia (2020); photos from *Chuva de Orvalho* (2014) and *Tesouro Besouros* (1992), in addition to other images, that in this poetics are like old cocoons; and current texts, which sew this braid. Only my writings for this essay are not in italics. The pages (from the reference bibliographies) and the parentheses (which are usually placed when an excerpt from a given text is removed) have been suppressed, with the intention of generating a more fluid reading. Bibliographic and imagery references, as well as credits for authorship of the photos, were kept at the end.

Keywords: *Chuva de Orvalho*, cocoon, Tunga, metamorphosis.

¹ Trançar aqui se coloca como verbo Tinguiano. Nos trabalhos de Tunga, tranças feitas com diferentes materiais retornam em várias obras, se "reatualizam", como ele coloca em seu livro *Barroco de Lírios* (1997). Reencontrando "o novo no velho".

² Artista do corpo e capoeirista. Investiga a *brincalidade* como traço evolutivo no *continuum* da vida, que se manifesta nas artes e em outros fazeres, para pensar a invenção do cotidiano e seus desdobramentos políticos. Doutoranda em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e participante do CED (Centro de Estudos em Dança, fundado e coordenado por Helena Katz). Bolsista CNPq. Mestra em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e graduada em Comunicação das Artes do Corpo, com bacharelado em Dança e Teatro. Idealiza e coordena o projeto *Capiá: nas trilhas dos saberes*, do Centro Cultural Omoayê. É professora de capoeira do grupo Capoeira Angola Omoayê.

Achando o novo de novo, reencontro o novo no velho

(Tunga³, 1997)



Figura 1. Tunga. Instalação *Chuva de Orvalho*, da série “From ‘La Voie Humide’” (2014). Aço, agulhas, borracha, bronze, cerâmica, couro, espelhos, fio de cobre, gesso, linhas, milhos, nylon, pérolas, saibro e tripé de ferro. 550 x 300 x 280 cm. Fotografia de Raquel Gonçalves.

Debulhadores de milho à espera de energia humana para movimentá-los. Prestes a transformar espigas de milho em espigas debulhadas. Espigas de milho postas para serem debulhadas. Espigas debulhadas aguardando pérolas para tornarem-se espigas de pérolas. Rede à espera de alguém para confortar. Os inesperados pombos a transformarem caroços de milho em energia. Um movimento cíclico, sempre diferente. Sempre outro. Flores caíam das árvores e criavam um tapete de flores roxas. Com a chuva, o saibro se tornava um piso lamacento. Pombos se satisfaziam com os milhos caídos no chão. Penas de pombos se misturavam com milho e saibro. Insetos. Galhos e folhas se integravam à escultura. Linhas e agulhas se embolavam. Ambiente nem sempre confortável, agido pela multiplicação de pombos e de bichinhos do milho. Tudo acontecendo ao mesmo tempo e sem dominância (Rios, 2014).

Nestes tempos, tenho sentido vontade de fazer um casulo. Construir um ovo macio e cândido dentro do qual possa deixar o corpo trabalhar (Coccia, 2020). E trocar com o ambiente assim, encapsulada. Sem ser invadida pelo excesso

³ Antônio José de Barros de Carvalho e Mello Mourão (1952-2016), conhecido como Tunga, no momento em que escrevo, celebra 70 anos de uma vida dedicada a instaurar mundos, com seus desenhos, esculturas, escritos, vídeos, performances e proposições.

chapado. Pela terra plana. Viver uma outra coisa que não isto. Que não essa destruição em massa da vida pelos humanos. Porque se trata de nós, e não de um vírus que apenas segue a sua função evolutiva em se proliferar. Talvez tenha feito, da maneira que foi possível (um casulo mal-acabado, explorando o que eu tinha em mãos, pulsante de dores de cabeça e outras mazelas). Nestes tempos, tenho tido vontade de mudar tudo. Viver uma ficção. Viajar para outro mundo que não este. Que não tenha que pensar no futuro. Ficar na *Chuva de Orvalho*⁴ proposta pelo Tunga. Como estratégia de sobrevivência. Gestando formas em relação. E só. Só estar lá. Ficar ali, orientada por algumas ações. *E partir delas para descobrir novas maneiras de fazê-las, no exato instante em que elas aconteciam. Nenhum pré (fixo) precedia o que ali se instaurava*⁵, em um fluxo contínuo de microdescobertas, micropercepções, microtrocas. Sem pressa, sem ansiedade, sem julgamentos, sem vontades impostas, sem imagens pré-concebidas, sem formas fixas (Rios, 2014). Era assim que eu me sentia: colocando linhas nas agulhas...



Figura 2. Tunga. Instalação *Chuva de Orvalho*, da série “From ‘La Voie Humide’” (2014). Aço, agulhas, borracha, bronze, cerâmica, espelhos, fio de cobre, gesso, linhas, milhos, nylon, pérolas, saibro e tripé de ferro. 550 x 300 x 280 cm. Artista do corpo Livia Sernache Rios. Fotografia de Natan Garcia.

⁴ *Chuva de Orvalho* é uma instalação criada pelo artista para a ocupação do antigo Hospital Matarazzo (SP), em 2014. Eu e mais 13 artistas do corpo estivemos nos jardins desta ocupação entre os dias 9 de setembro e 17 de outubro, com as esculturas do Tunga.

⁵ Instalação é um termo utilizado por ele para dar nome às obras compostas com pessoas, a partir de sua proposição. O conceito de instalação foi depois desenvolvido por Lisette Lagnado. “Caberia, no seu entender, buscar a justeza de uma palavra capaz de abarcar no trabalho a fugacidade dos acontecimentos, como um sopro ou explosão, enfim, do gesto que instaura. Segundo a autora (Lisette Lagnado), o que diferencia a instalação da performance é o deslocamento do próprio corpo do artista para corpos alheios; anulando o pequeno eu da subjetividade, sobrar a pulsão da matéria (Matesco, 2013).

Essa escrita faz-se como adaptação. Na impossibilidade, preciso inventar: *achando o novo de novo, reencontro o novo no velho* (Tunga, 1997). Tudo para que persista o possível. Imaginar muito. Sonhar, quem sabe. Repuxar realidade e ficção. Conjuguar vidas e pensamentos. Em inevitável metamorfose. *Sempre sonhei com isso. Ter a força das lagartas. Ver asas surgindo do meu corpo de verme. Voar ao invés de arrastar-me pelo chão. Apoiar-me no ar e não sobre a pedra. Passar de uma existência a outra sem ter que morrer e renascer, e, assim, revirar o mundo sem sequer o tocar. A mais perigosa forma de magia. A existência mais próxima da morte. A metamorfose⁶* (Coccia, 2020).

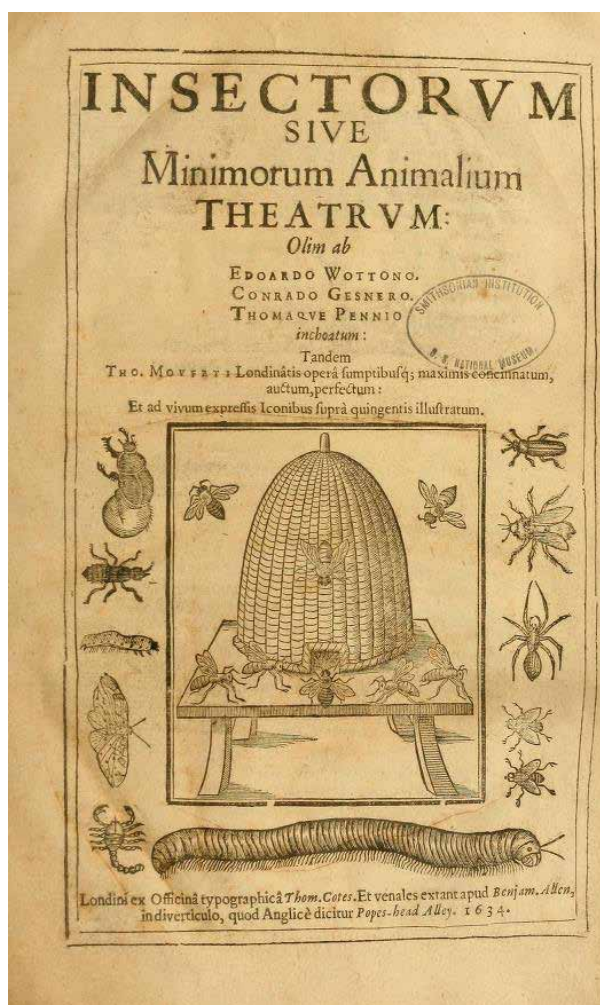


Figura 3. Capa do livro *Insectorum sive minimorum animalium theatrum* (1634).

⁶ A palavra metamorfose foi introduzida na língua latina pelo poeta romano Ovídio (43 a.C.-17 ou 18 d.C.). Depois foi pega emprestada pelo naturalista Thomas Moffet (1553-1604), presente na obra *Insectorum sive minimorum animalium theatrum* (1634), com grandes repercussões na filosofia política moderna (Coccia, 2020). Encontramos outras informações sobre o livro que cabe conhecermos (esse antigo casulo, pois que a própria palavra e o livro também se metamorfosearam): “Embora se acredite popularmente que ele foi o autor, ele apenas herdou e promoveu seu progresso em direção à publicação (...). O livro continha contribuições significativas de três outros cientistas, o suíço Conrad Gesner, ao lado de Edward Wotton e Thomas Penny”. Informações disponíveis em: https://en.wikipedia.org/wiki/Thomas_Muffet. Acesso em> 12 dez. 2022. Livro disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/123182#page/11/mode/1up>. Acesso em> 12 dez. 2022.

A partir do século XVI, os insetos - como aqueles presentes na instauração Chuva de Orvalho - são a criatura viva por excelência para compreendermos a relação do vivo com a mudança de forma. Inseto como o *paradigma para pensar a mais radical das transformações. Eles têm a capacidade de dar forma a corpos tão diferentes ao longo de uma mesma vida individual que, durante muito tempo, imaginou-se tratar de seres mágicos, aptos a passar de uma espécie a outra. São capazes de domesticar em seu próprio modo de vida a diferença à qual apenas a experiência interespecífica nos dá acesso. Eles são os mestres da metamorfose, mas isso não foi sempre assim: eles não “nasceram” com esse talento, eles souberam fabricá-lo ao longo do tempo, o que torna a sua proeza ainda mais incrível. Os primeiros insetos não tinham asas e não conheciam a transformação formal. Não há nada de natural, original, espontâneo nesta habilidade. Interessar-se pelos insetos significa descrever as diversas estratégias a fim de criar em uma única e mesma vida, com as formas mais distintas (Coccia, 2020).*

Não é de se admirar que Tunga seja um *entusiasta dos insetos*, um *entomólogo amador*. As habilidades e hábitos singulares e complexos destas criaturas compõem com a encantadora metamorfose. Tunga conta que foi tomado de *verdadeiro fascínio pelo inseto Scarabacus Tucurui Sagrado*, quando no norte do Brasil (Tunga, 1992). Escaravelho é um tipo de besouro, com o corpo geralmente mais compacto e robusto que os demais besouros, e se distribuem em cerca de 20 mil espécies pelo mundo. São conhecidos também, infamemente, como rola-bosta. Várias espécies da família *Scarabaeidae* alimentam-se de carniça (necrófagos) e fezes (coprófagos), que é o caso do *Scarabacus Tucurui Sagrado*. Embelezo-me por serem recicladores de materiais da superfície do solo e responsáveis pelo reingresso destes materiais no ciclo de nutrientes, através das redes de túneis que escavam. Tais galerias contribuem ainda com a aeração e infiltração da água no solo. E eles não apenas escavam, como puxam pelotas de excremento para baixo, alocando-as nos túneis. Algumas espécies, além de se alimentarem, formam ninhos no interior das pelotas, instalando-se nelas, garantindo a segurança contra predadores. Constroem espécies de casulos. Há muitos mais mundos que a nossa vaga e dispersa atenção ignora. Tunga compõe com estes mundos, reinstaurando-os.



Figura 4. Tunga. *Tesouro Besouro* (1992). Aço, arame, besouros, glicerina e papel. 130 x 110 x 55 cm. Imagem licenciada pelo Instituto Tunga.

TESOURO BESOUROS

Peculiares eventos cercaram minha estada amazônica. Estranhezas pude testemunhar e, entre caprichos da natureza, posso narrar um deles.

Viajei ao Norte com o encargo de formar um mostruário de fragrâncias locais. Raízes, óleos, sabonetes e tudo o que lá se fabrica ou se colhe de aromático e perfumado.

Sendo eu um entusiasta dos insetos, seus mundos e hábitos, encontrei oportuna a viagem para avivar meu deleite de entomólogo amador. Travei contato com Terezinha, verdadeira cientista da matéria, que me apresentou inúmeros espécimes por mim desconhecidos e, especialmente, os *Scarabacus Tucurui Sagrado*.

Tomci-me de verdadeiro fascínio pelo inseto. Os S.T.S. são coliópteros de extrema beleza na forma e, sobretudo, na cintilância cromática. Há, contudo, algo horripilante no fascínio que exercem. Conhecê-los melhor é iluminar o escabroso. São extremamente hábeis e persistentes. A habilidade constitui-se na formação de gleóides imensos, em relação às suas minúsculas dimensões. Persistentes na peregrinação obstinada que os leva ao "menu" predileto. Tal predileção nos revela o dito escabroso de seus hábitos. Os escaravelhos desta espécie são **NECRÓFILOS E COPRÓFILOS**.

A informação só excitou minha nova paixão. Soube que as esculturas esféricas, nicho de larvas, eram também construídas da imundície putrefacta e mesmo por excrementos humanos. Este dado vulgarizou o espécime sob a alcunha de Rola-Bosta (apelido nada condizente com a beleza que ostentam). Foi a dita beleza que suscitou meu esmero e logo empreendi caça ao inseto na intenção de obter larvas.

A construção desta cultura tinha como fim a obstinada tarefa de cultivá-las para dispor de companhia no além-túmulo. Imaginei-me como

alimento ótimo aos espécimes quando estivesse avançado meu estado de putrefação no fêretro.

Organizei a caça usando uma armadilha clássica para besouros. O método é bastante simples: enterra-se uma lata em forma de dedal onde estão depositados alimentos da predileção do besouro. Este, ali caindo, não consegue evadir-se dada a pouca aderência às paredes metálicas do balde. Usei como isca meu próprio excremento diluído em urina.

Dias depois, voltei à trampa onde encontrei três belos R. B.

Tomci as providências necessárias à manutenção e subsistência dos insetos, criando um recanto provisório com as raízes e produtos que dispunha em meu quarto.

Minha profissão me levou subitamente a Belém, capital das fragrâncias. Outros odores, porém, me tomaram naquela capital, pois fui acometido pela malária. A febre octina mantinha-me em regular estado de delírio e, inebriado, era sistematicamente perseguido em estranhas construções onde o S.T.S. desempenhava central papel.

Ainda febril, recobrei Manaus onde a surpresa me aguardava. Adentrando meu quarto, fui invadido por uma avalanche odorífera.

A surpresa, no entanto, não vinha dos odores, mas de sua fonte. Meus três espécimes de Rola-Bosta haviam obrado imensas esferas, no tamanho de cabeças humanas. Eles se esforçavam em agregar os três volumes empurrando cada qual uma esfera, em direção às outras duas.

Peculiar era o fato pois as pelotas haviam sido construídas com as aromáticas matérias de meu mostruário.

Pasmo e atônito, após uns minutos, sai do torpor. A visão do entumescido triângulo me devolveu a lembranças das febres malárias. Impulsivamente e sem hesitar enchi da ampola de clorofórmio a seringa e, atravessando uma a uma a carapaça dos coliópteros, dei-lhes a morte. Passei longas agulhas que dispunha para, naquela macabra posição, perpetuar a obra que denominei TESOURO BESOUROS e agora vos apresento.

Manaus, 08 de fevereiro de 1992
TUNGA

Figura 5. Tunga. Texto para *Tesouro Besouro* (1992). Imagem licenciada pelo Instituto Tunga.

A vida deles (agora já não sei mais se falo dos insetos ou do Tunga) parece não poder contentar-se com uma única forma de expressão: o inseto é mais a vida das formas do que uma forma de vida (Coccia, 2020).

Em meio às conspirações, me achego às ficções. Enquanto essa escrita se faz, em uma manhã de domingo, avistei Tunga ao longe, na beira de um riacho fino, em um parque ensolarado. Calças arregaçadas e chapéu. Um grande chapéu. A jogar rede. À noite, antes de dormir, abro um livro de Manoel de Barros, e lá se estava ele.

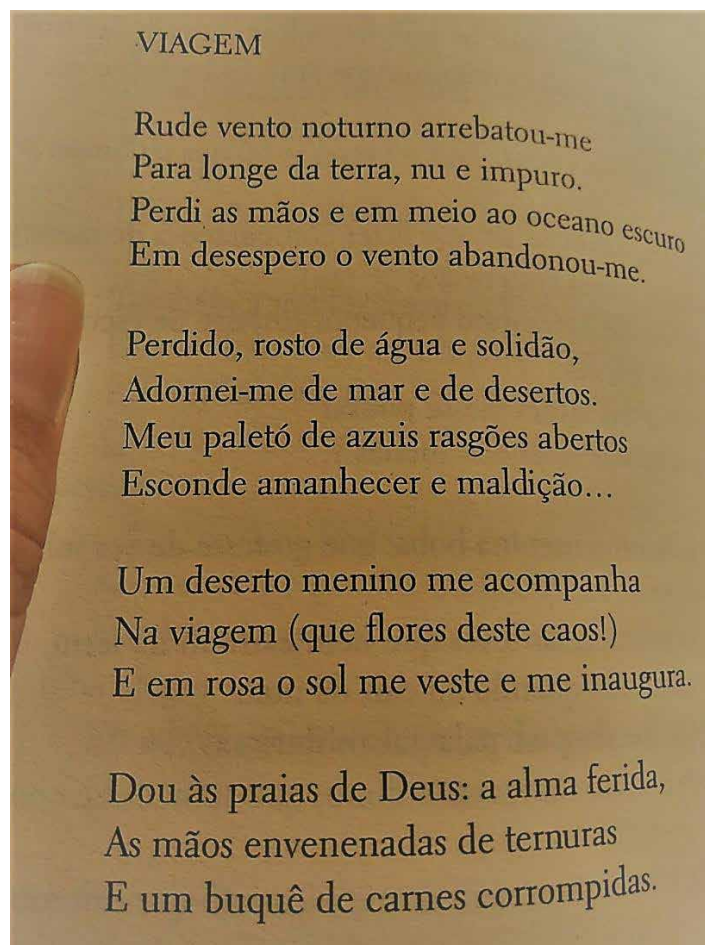


Figura 6. Poema Viagem, Manoel de Barros. Livro *Poesias* (1947).

Quando estiver dentro da obra, seja parte dela e por um momento sinta como se o seu corpo inteiro fosse, na realidade, todo o conjunto de ferro, cerâmicas, gesso, espelho, milho, gente e saibro. Movimentos tranquilos como numa manhã de domingo (rubricas plásticas, Tunga, 2014).



Figura 7. Retrato de Tunga na instauração *Chuva de Orvalho*, da série “From ‘La Voie Humide’” (2014). Fotografia de Gabi Carrera. Imagem licenciada pelo Instituto Tunga.

O *Experimentador ocasional* (Tunga, 1997) faz zum zum zum. Ilumina a beleza da relação das coisas. Sua proposição é a nossa metamorfose. *Ao observar a obra, experimente um outro observador* (Tunga, 2014).



Figura 8. Tunga. Instalação *Chuva de Orvalho*, da série “From ‘La Voie Humide’” (2014). Aço, agulhas, borracha, bronze, cerâmica, couro, espelhos, fio de cobre, gesso, linhas, milho, nylon, pérolas, saibro e tripé de ferro. 550 x 300 x 280 cm. Artistas do corpo Livia Sernache Rios e Natália Coehl. Fotografia de Natan Garcia.

O artista é um “experimentador ocasional” que funciona como catalizador de individualizações. Mas só. Ele sequer tem como prever qual será o elemento desencadeador de criação. Qual será o ponto ótimo de tensão entre os ingredientes heteróclitos que ali se reuniram, de modo que sua fricção seja fecunda - condição para que um mundo tome consistência, possa individualizar-se e fazer-se obra. Grande arte é necessária para colocar-se à espera paciente deste ponto preciso. Política? Sem dúvida, porém não como temática ou ideologia, “artisticamente” representados. Uma política reiventada, que se faz indissociavelmente prática artística. Ela não representa o real, nem imagens de seu futuro, mas coloca o real em movimento e o expõe na intimidade de sua nudez: as forças que o animam, afetos de corpos humanos e inumanos em seus acoplamentos e germinações (Rolnik, 1998).



Figura 9. Tunga. Instalação *Chuva de Orvalho*, da série "From 'La Voie Humide'" (2014). Aço, agulhas, borracha, bronze, cerâmica, couro, espelhos, fio de cobre, gesso, linhas, milhos, nylon, pérolas, saibro e tripé de ferro. 550 x 300 x 280 cm. Artista do corpo Livia Sernache Rios. Fotografia de Gabi Carrera. Imagem licenciada pelo Instituto Tunga.

REFERÊNCIAS

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Desenhos de Luiz Zerbini. Trad. Madeleine Deschamps e Victoria Mouawad. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

MATESCO, Viviane. **Performances ou instaurações? O Corpo como Cena em Tunga**. 2013. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/03/Viviane%20Matesco.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2022.

ROLNIK, Suely. **Instaurações de Mundos**. 1998. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Instauracao.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2022.

TUNGA. **Barroco de Lírios**. São Paulo: Kosac & Naify, 1997.

Site Instituto Tunga. Disponível em: <https://www.tungaoficial.com.br/pt/> . Acesso em: 08 fev. 2022.em: 8 dez. 2020.